

EUA SUSPENDEM AVAL AO GOVERNO DE ALFONSÍN

Mas essa posição pode ser mudada se a Argentina fizer acordo com o FMI

Os Estados Unidos recusaram estender o prazo da oferta de 300 milhões de dólares à Argentina e ao mesmo tempo prometeram renová-la, caso o governo Alfonsín chegue a um acordo com o Fundo Monetário International.

O comunicado de 15 linhas do Departamento do Tesouro é uma curiosa manifestação de esquizofrenia política que, segundo um banqueiro, reflete as diferentes pressões que Washington sofre no momento: uma do Tesouro, interessado em manter a disciplina do jogo financeiro internacional, e outra do Departamento de Estado, preocupado com as repercussões políticas de uma tomada de posição pública dura e inequívoca.

Mas o mesmo banqueiro acha que, para o governo argentino, a mensagem é clara: os Estados Unidos não tolerariam facilmente a desmoralização do Fundo Monetário International, cujos técnicos o governo Alfonsín quis contornar, ao enviar a Jacques de Larosière uma carta de intenção unilateral, provavelmente na esperança de que pudesse ser "politicamente" aprovada pela diretoria da instituição.

O compromisso do Tesouro de realizar uma operação Swap de 300 milhões de dólares (em troca de pesos) com a Argentina, assumido no final de março, foi renovado duas vezes, nos dias 28 de abril e 31 de maio. A data de ontem, o Tesouro alertara, era final. Mas, no último parágrafo do comunicado, promete renovar a oferta depois que a Argentina chegar a um entendimento com o FMI.

No comunicado, "o governo dos Estados Unidos lamenta que a Argentina não tenha chegado a um acordo com o FMI na data aprazada, mas reconhece que se realizou progresso para a solução das questões pendentes e que prosseguem as negociações em

torno de um programa econômico argentino que o FMI poderia aprovar".

Os 300 milhões de dólares do Tesouro supostamente seriam usados pela Argentina para pagar o empréstimo de emergência do mesmo valor concedido em conjunto por Brasil, México, Venezuela e Colômbia, em que Brasil e Colômbia entraram com 50 milhões de dólares e México e Venezuela com cem milhões. O empréstimo de emergência desses quatro países, juntamente com cem milhões adiantados por 11 bancos internacionais, serviram para pagar 500 milhões de juros atrasados que a Argentina devia há 90 dias no final de março. O governo Alfonsín entrou com cem milhões de dólares na formação do pacote.

A Argentina anunciou que não pagaria ontem o empréstimo-ponte dos bancos, que lhe adiantaram 750 milhões de dólares no ano passado, de um total de 1,5 bilhão que lhe haviam prometido. Mas ninguém esperava que isso pudesse ser pago antes dos novos desembolsos do FMI e dos próprios bancos, que sairiam em caso de acordo com seus credores.

Expectativa

O importante agora é esperar para ver o que acontece no próximo dia 30. Nesse dia, a Argentina terá de pagar mais uns 500 milhões de dólares de juros atrasados, sem o que os bancos norte-americanos serão obrigados, por lei, a reduzir os seus lucros.

Embora um vice-presidente senior de um dos dez maiores bancos norte-americanos tenha afirmado confiar na possibilidade de um acordo para a eliminação dos atrasados, outros disseram que a posição dos credores do país endureceu nos últimos dias e eles tendem a não adiantar parte do dinheiro à Argentina para esse fim. Mesmo o Manufacturers Hanover, que é o que mais

teria a perder, está disposto a resistir, disse uma fonte.

A idéia sendo estudada, afirmou, é colocar pressão sobre a Argentina. "Se as coisas não evoluírem positivamente até o fim do mês, é possível que os bancos resolvam até suspender todos os créditos comerciais para o governo Alfonsín, obrigando-a a pagar à vista suas importações", disse a fonte.

O mesmo banqueiro especulou que a Argentina provavelmente espera obter a solidariedade dos países latino-americanos na reunião de Cartagena, mas disse duvidar que viessem com uma declaração muito forte em seu favor. Para o banqueiro, Brasil, México, Venezuela, Colômbia e outros estão todos tentando avaliar o que o atual impasse entre argentinos e credores significa para eles. "É preciso lembrar que o Brasil e o México já tomaram o remédio que lhes receberam e agora estão esperando melhores condições dos credores. Estes países não têm interesse em sacudir o barco", comentou. Foi provavelmente para conter a reação dos devedores que os bancos inventaram a "estratégia da recompensa" pelo bom desempenho e pelo bom comportamento.

Na opinião de algumas fontes, o erro inicial foi formar o pacote de março para socorrer os argentinos. Isso apenas lhes deu tempo de preparar seu próprio programa e conseguir um consenso político em torno das metas econômicas, consenso que agora fica difícil romper.

Para os bancos é melhor admitir de uma vez que alguns desses empréstimos não serão servidos, ou pelo menos não serão servidos em dia. Ainda que os bancos sofram algumas perdas, o resultado pode ser benéfico, disse uma fonte, "já que o mercado não acredita na validade dos artifícios usados em março".

A.M. Pimenta Neves, de Washington.